

UMA PROPOSTA DE RENOVAÇÃO DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LITERATURA NO BRASIL: UM ESTUDO PAIDÊUTICO DE “O ALIENISTA”

João Paulo Mota Rosa¹

Esp. Deyse Souza Alves (Orientadora)

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo discutir e enfrentar o problema do desinteresse dos estudantes brasileiros pelas aulas de Literatura, oferecendo uma proposta de renovação didática para um ensino atraente, proveitoso e eficaz dessa disciplina nas escolas. Buscam-se neste estudo elementos didáticos renovadores do método de ensino aplicado às aulas de Literatura, com inspiração na *Paideia*, modelo educacional desenvolvido na Grécia Antiga e que repercute até hoje. A partir do arquétipo paidêutico, faz-se a extração de um paradigma didático propriamente voltado ao ensino e prática literários, com a aplicação de como se podem desenvolver as habilidades orais e de escrita dos alunos, bem como a sua competência de leitura e cultura literária. Para tanto, elabora-se um projeto de prática pedagógica fundamentado no referido modelo, o que permite combater o principal problema do desinteresse estudantil pela Literatura: o método engessado e estéril de ensino empregado hoje, via de regra. Este trabalho calca-se na apresentação da obra *O Alienista*, de Machado de Assis, sob o emprego da metodologia paidêutica, a fim de confirmar a eficácia desse método de ensino de Literatura no Brasil.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Paideia.

Abstract

This research aims to discuss and address the problem of Brazilian students' lack of interest in literature classes, offering a proposal for didactic renewal for an attractive, profitable and effective teaching of this subject in schools. This study seeks to renew the didactic elements of the teaching method applied to Literature classes, inspired by Paideia, an educational model developed in Ancient Greece and which has repercussions to this day. From the paideutic archetype, we extract a didactic paradigm specifically focused on literary teaching and practice, applying how students' oral and writing skills can be developed, as well as their literacy and literacy skills. To this end, a pedagogical practice project based on this model is elaborated, which makes it possible to combat the main problem of student disinterest in literature: the plastered and sterile method of teaching employed today, as a rule. This work is based on the presentation of *O Alienista*, by Machado de Assis, using the paideutic methodology, in order to confirm the effectiveness of this method of teaching literature in Brazil.

Keywords: Literature. Teaching. Paideia.

¹ Graduando do curso de Letras – Português/Inglês do Centro Universitário Mário Palmério (UNIFUCAMP), Monte Carmelo – MG E-mail: joaopaulomota20@hotmail.com.

Justificativa

O presente trabalho justifica-se na medida em que aborda a necessidade de aprimoramento das habilidades e conteúdos atinentes ao ensino de Literatura no Brasil, haja vista o desinteresse sistemático e contumaz que se observa, via de regra, nas aulas dessa disciplina na educação básica brasileira, sobretudo no Ensino Médio.

Desse modo, busca-se tratar de elementos didáticos que, combinados, possam favorecer tanto o interesse quanto a construção e apreensão de conhecimentos que se lhe derivam, por parte dos estudantes da matéria, pois que não há real aprendizado sem antes ter havido um verdadeiro interesse pelo objeto cognoscível.

Portanto, pretende-se delinear essa combinação a partir da aplicação de um método educacional originado da Grécia Antiga, conhecido como *Paideia*, para a análise de uma obra clássica da literatura brasileira, “O Alienista”, do escritor Machado de Assis, mediante a qual se mostrem com clareza os meios de abordar com mais didática, engajamento e proveito eficiente a literatura para os jovens estudantes no Brasil.

Objetivo geral

Apresentar uma proposta de renovação didática para o ensino de Literatura na educação básica brasileira, a partir da análise dos elementos didáticos presentes na obra “O Alienista”, de Machado de Assis.

Discussão bibliográfica

No ensino da disciplina de Literatura no Brasil, conforme assinalado pelo senso comum, observado pelos sujeitos envolvidos na educação e também confirmado por pesquisas científicas, os professores deparam-se com um problema geral e recorrente: o desinteresse dos alunos pelos conteúdos propriamente literários (LAJOLO, 2000, p. 84).

Como normalmente acontece com qualquer problema que produz efeitos de generalidade, guardando elementos comuns em todas as suas formas de manifestação, essa

questão da ausência de interesse legítimo dos estudantes brasileiros pela literatura ensinada na educação básica possui raízes difíceis de diagnosticar.

Não obstante a dificuldade relativa à descoberta da razão do desinteresse estudantil nesse campo empenham-se esforços com o intuito de investigar aquela que seria uma das causas fundamentais do problema em análise na presente pesquisa, balizando os limites epistemológicos dentro dos quais este estudo se desenvolve. Desse modo, não interessam, para este trabalho, as outras causas de desinteresse estudantil pela literatura que não esta: o método de ensino literário automático, mecanizado e engessado empregado hoje nas escolas brasileiras, via de regra.

O professor de Literatura, ao apresentar o seu plano de ensino e lecionar as suas aulas necessita empregar obras e autores utilizados em certames e processos seletivos de Universidades, bem como no próprio Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Esse fato, por si só, já limita sobremaneira a capacidade de deliberação e o poder de impacto do docente sobre o conhecimento literário dos discentes.

Em que pese a limitação acima mencionada, no que respeita ao método de ensino, o professor possui boa margem para manobra, detendo a possibilidade de desenvolver em seus alunos o gosto inicial pela leitura e assentar os fundamentos que favorecerão, ao longo do tempo, a formação de sua cultura literária. Todavia, – e é neste ponto que se encontra a essência do problema – o método de ensino comumente empregado se mostra tão rígido e infecundo quanto a barreira institucional deparada.

Quando levado para a sala de aula, o texto literário não desperta interesse nos alunos, que realizam as leituras – quando o fazem – apenas para atender às solicitações do professor. Os textos não são buscados pelo aluno com a finalidade de responder a alguma de suas indagações sobre a vida prática ou sobre cogitações interiores; na verdade, os alunos não percebem qualquer sentido nos livros que se lhe apresentam e, por via de consequência, desinteressam-se por eles e pela literatura como um todo (GERALDI, 1997, p. 170).

Na avaliação do panorama atual do ensino de Literatura no Brasil encontra-se o ponto central sobre o qual devem ser trabalhados os elementos didáticos para uma nova educação literária, ponto esse que é justamente o método de ensino inadequado para os fins a que se destina a aludida educação.

A substituição do atual método de ensino literário fracionado, parcial e destituído de sentido lógico para o estudante que se lhe submete, por um método abrangente, integral e

apoiado na inteligência lógica da significação da matéria que apresenta, passa, necessariamente, pelo entendimento de o que é e para que serve a literatura.

Há, naturalmente, inúmeras conceituações para a literatura, sendo preciso agarrar-se a uma delas para dar prosseguimento à linha de pensamento desenvolvida. Para tal, emprega-se aqui a definição do filósofo Olavo de Carvalho (2019):

A literatura não é compreensão das ciências, nem da sociedade, nem de nenhuma coisa em particular, mas simplesmente experiência acumulada e narrada da vida. É assim porque em nossa individualidade não podemos viver todas as experiências. Noventa e nove por cento das nossas experiências são experiências acumuladas dos outros, que nós ouvimos falar, que nós lemos... E a literatura é o núcleo, é o que tem de melhor sobre a experiência humana. São aspectos altamente significativos da experiência humana condensados em símbolos e que você toma como se fossem pílulas. A literatura é isto: a aquisição de experiências humanas e dos meios de simbolizá-las, de narrá-las [...]. O indivíduo que leu dez, vinte, cem, mil narrativas ficcionais como romances, peças de teatro etc. narrará as suas experiências para os outros e para ele mesmo de um modo muito mais claro e direto.

Nesse sentido, a literatura pode ser conceituada, para o entendimento que se faz necessário ao escopo deste trabalho, como o conjunto ou a reunião de experiências humanas de caráter universal, com as quais o leitor pode se identificar em razão de fazer parte do mesmo gênero humano ao qual pertencem os personagens acerca dos quais lê. Semelhantes experiências, pela sua universalidade, são condensadas e registradas nas chamadas obras clássicas, que por sua vez compõem a literatura clássica universal. Em vista do exposto, o tipo de literatura que permite o contato com a experiência humana genérica e abrangente é precisamente esta literatura clássica universal.

Essa distinção é importante, para que nem tudo seja alçado à condição de verdadeira literatura. Afinal de contas:

Imitação da literatura não é literatura. A diferença é evidente: a literatura absorve, prolonga e busca superar a tradição universal da arte de escrever; a imitação da literatura, ignorando essa tradição, copia os seus produtos mais em voga. É uma diferença de perspectiva histórica: em toda autêntica obra literária está implícita, de certo modo, a evolução inteira da literatura. Na sua imitação, está embutido apenas o tecido das convenções e gostos contemporâneos, amputado do seu fundo histórico e tomado, abstratamente e no ar, como modelo supremo e final da imaginação humana. A literatura de imitação prende-nos na redoma de uma atualidade compressiva, separando-nos da humanidade que nos antecedeu (CARVALHO, 1999, p. 278).

Destarte, a relação entre o leitor e a literatura favorece a sua identificação com outras pessoas, que são diferentes entre si, mas que sempre possuem algum ponto de contato. Ou

seja, não existe na vida humana o totalmente heterogêneo; se alguém, ao tomar contato com uma obra literária clássica consegue “viver” por intermédio de seus personagens, se colocando, por exemplo, na posição de Hamlet, de Antígona, de Ulisses, isso significa que eles guardam algo em comum com esse leitor, por mais diferentes sejam eles sob inúmeros outros aspectos, como a época, a cultura e a sociedade nas quais foram criados.

A literatura é definida, assim, como “a arte da palavra”, sendo o instrumento que permite trazer a lume todas as emoções e ideias do ser humano, pois no seu exercício ele entra em contato consigo mesmo. A literatura, em última instância, é a leitura da alma, da sociedade, de um acontecimento, de um sonho, ou mesmo de um pensamento escondido no mais recôndito escaninho da mente. Ela traz o verossímil e quem entra em contato com ela experimenta a catarse, extravia-se, sonha e viaja a lugares e momentos não vividos na história do mundo concreto (COUTINHO, 2014, pág.45).

A literatura, em suma, constitui-se em fonte de prazer da alma, a qual desperta e sacia-se de conhecimento. Eis, na perspectiva que se toma no presente estudo, a concepção última da literatura, não somente como fonte de prazer, mas também de informação ao longo dos tempos, sendo universal, estando ao alcance de todos apreciá-la. Por meio dela foram expressos ideais de uma determinada época e de todas as épocas; por seu intermédio, enfim, a humanidade se configurou e prossegue como tal.

Restando claro, pois, o que se entende por literatura nesta pesquisa, passa-se agora à descrição da sua função primordial.

A literatura tem por atribuição precípua uma atuação eminentemente educativa. Deriva dessa atuação a formação de uma cultura literária. Cultura literária não se trata de ler muitas obras de literatura; trata-se de absorver delas, e incorporar na própria alma as inumeráveis experiências humanas, pela imaginação de muitas vidas possíveis. Se não é possível viver todas as situações humanas, ao menos é possível imaginá-las.

Assim sendo, também é sua função ampliar o imaginário do leitor que se lhe apropria, até o ponto em que ele se torna capaz de compreender as mais variadas situações humanas possíveis, por mais afastadas estejam de sua experiência imediata.

Em suma, cada personagem, emoção, situação ficcional, ambiguidade e paradoxo do texto literário deve se impregnar na tela mental do leitor como uma possibilidade humana concreta, reconhecível na vida real. Somente desse modo a leitura literária vale a pena e tem verdadeiro poder educativo.

O que acontece usualmente nas aulas de Literatura é a exigência da memorização de enorme quantidade de informações acerca das características de cada escola literária, dados biográficos e traços estilísticos dos autores, forjando o confronto do aluno com obras literárias alheias à sua realidade, descaracterizando-as ao convertê-las em simples objeto de estudo pragmático.

Em vista disso, não é difícil entender o motivo por que os estudantes do Ensino Médio rechaçam a disciplina de Literatura, entendendo-a como trabalho inútil. Fato é que essa prática didática não atinge, de modo algum, o interesse dos alunos, bem como não acrescenta conteúdo significativo à sua bagagem cultural.

Então:

[...] de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler mas que, vida a fora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No princípio está a Palavra...” É pela palavra que se entra no mundo humano (ALVES, 2008, p. 61).

Logo, não se deve ter em conta o estudo da Literatura, por exemplo, no Ensino Médio, como um mero cumprimento de conteúdo programático, reproduzido de forma mecânica e acompanhado por alunos transfigurados em autômatos alienados do espírito vivo que anima a verdadeira literatura.

Identificado o problema, questiona-se de que modo poderia ser desenvolvida a didática para o ensino de Literatura no Ensino Médio brasileiro, com base nos clássicos universais e com vistas à formação da cultura literária, a partir da educação do imaginário.

O princípio didático que orienta o processo de ensino de Literatura, segundo o fio lógico que percorre todo este estudo, deve partir da apresentação das obras literárias não como objetos de estudo, mas sim como documentos da vida humana (CARVALHO, 1996, p. 48).

Para que os alunos sintam-se atraídos para a literatura e interessados verdadeiramente em estudá-la, é fundamental a apresentação dessa noção da construção do universo imaginário por parte de cada um, já que é a partir desse conjunto imagético que eles podem se reconhecer como pertencentes ao gênero humano em sua totalidade e, ao mesmo tempo, identificar as especificidades de seus próprios dramas, conflitos, emoções e anelos, o que confere toda a significação necessária ao despertar do interesse estudantil pelos temas e conteúdos da literatura.

Para além destes fundamentos didáticos para o proveitoso ensino de Literatura na educação básica no Brasil, surgem também problemas de ordem prática que acabam integrando o próprio método educacional, devendo ser contornados por práticas pedagógicas apropriadas.

A proposta apresentada aqui se baseia no ideal de formação integral do indivíduo na Grécia Antiga, conhecido como *Paideia*. A *Paideia* não é formada por ideias abstratas, mas reflete a própria história do mundo grego, a realidade concretizada numa determinada temporalidade e localidade. O seu maior objetivo era a formação de um tipo elevado de homem, educado de forma completa (JAEGER, 2003, p. 14).

No combo educacional do homem grego antigo encontrava-se, obviamente, a arte literária. O modo pelo qual a tradição da literatura ocorria na Grécia Antiga baseava-se na técnica da oralidade. Desse modo é que foram compostos os poemas épicos àquele tempo, com destaque para os mais famosos: a *Ilíada* e a *Odisseia*, ambos atribuídos a Homero.

Os poemas homéricos foram produzidos na estrutura de versos, com a finalidade de serem cantados ou declamados, ou seja, expressados oralmente. Desse modo, de geração em geração, a cultura literária grega foi transmitida oralmente, construindo habilidades literárias nas pessoas, como a elevada capacidade mnemônica, a apurada técnica de declamação e a capacidade de reprodução do mesmo modelo de métrica e composição oral para a criação de novos conteúdos. Dessa maneira, inclusive, surgiram outros poetas, chamados poetas homéricos, que deram prosseguimento à referida tradição oral (JAEGER, 2003, p. 39).

Após toda uma longa tradição de transmissão oral, em que gerações de poetas e ouvintes desenvolveram as habilidades atinentes à arte literária cantada e declamada, com o acúmulo de conhecimentos, histórias, mitos, usos e costumes, passou-se então, num momento indeterminado, ao registro escrito das mesmas histórias e poemas cantados e declamados, criando um segundo patamar de acúmulo e transmissão de cultura literária.

Como se vê, a composição da cultura grega na Antiguidade – que alicerçou toda a cultura ocidental desde então – constituiu-se de duas etapas sucessivas e complementares, em que a primeira serviu de pressuposto da segunda, sendo por essa mesma enriquecida. A etapa inicial compreendeu a tradição oral, enquanto que a etapa consecutiva encerrou a tradição escrita. Ambas as tradições complementaram-se e oportunizaram o aprimoramento da formação integral – e, conseqüentemente, literária – na Grécia Antiga (JAEGER, 2003, p. 52).

À guisa de sumário da proposta paidêutica, pode-se derivar como essência da estrutura educacional helênica – em especial a literária – a combinação dos elementos da tradição oral

com o seu posterior e correspondente registro escrito, dispostos necessariamente na ordem em que foram concebidos. Ou seja, em primeiro lugar a criação literária pela e para a transmissão oral e, somente em um segundo momento, a escrituração dos conteúdos literários já longamente difundidos oralmente.

Portanto, no enfrentamento do problema de pesquisa inicialmente descrito esboça-se a proposição de uma nova metodologia de ensino de Literatura nas escolas brasileiras, especificamente no Ensino Médio. Essa metodologia toma por base o modelo da *Paideia*, trabalhando inicialmente o interesse dos alunos pela literatura em geral, para que depois possam criar e ampliar o próprio imaginário, identificando o significado pessoal que os conteúdos literários lhe impingem.

Dessa maneira, o interesse estudantil pelos textos literários será inicialmente despertado a partir da oralidade. Contos, histórias e poemas da literatura clássica serão apresentados aos alunos pelo método oral grego, quer por meio de narrativas, quer por meio de declamações e encenações. É nesse primeiro contato mais “passivo” com o conteúdo literário, sem a necessidade da leitura, mais “ativa”, que os estudantes acordam e estimulam a própria atenção para os dramas comuns da humanidade, e para os seus próprios conflitos específicos.

A partir daí, surge a tendência praticamente natural de buscar outras fontes literárias, para que conheçam, apreciem e resolvam novos dramas, bem como para que divisem novos panoramas e adquiram renovadas inspirações para a condução das próprias vidas.

Em resumo, pelo método paidêutico, os estudantes são expostos paulatinamente aos temas literários, inicialmente pela oralidade, até que se habituem e tomem gosto pela universalidade dos elementos humanos presentes na literatura; após o despertar do seu genuíno interesse pelo assunto, com a criação e ampliação do seu imaginário, passa-se ao estágio em que os alunos devem registrar, eles próprios, em linguagem escrita, todas as impressões que determinada obra estudada causar-lhes, ao remetê-los aos seus próprios dramas e conflitos.

Este processo de ouvir histórias, escutar declamações e observar representações de obras literárias universais, cumulado à atividade de registrar por escrito todas as impressões e sentimentos que semelhantes contatos com a literatura proporcionam, acaba por concluir a conjugação entre as duas etapas do método paidêutico, em que a tradição oral e a tradição escrita se fundem para a manifestação da literacia dos estudantes, atingindo a finalidade do

ensino de Literatura nas escolas, qual seja, a de possibilitar-lhes o contato com a experiência humana universal registrada ao longo de toda a história.

Metodologia

Como “a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas por meio de processos de método científico”, no que concerne ao aspecto metodológico foi utilizada neste trabalho a chamada pesquisa bibliográfica (RAMPAZZO, 2004, p. 49).

A pesquisa bibliográfica – também tratada como de fonte secundária – compreende a análise da bibliografia já publicada sobre determinado tema, em livros, artigos, teses, periódicos, etc. Ela tem por escopo realizar o contato entre o pesquisador e o produto das pesquisas já realizadas sobre o tema de que irá tratar (LAKATOS, MARCONI, 2009, p. 185).

Ademais, a revisão de literatura ou revisão bibliográfica possui dois propósitos fundamentais, quais sejam: i) a construção de uma contextualização para o problema estudado; e ii) a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa (ALVES-MAZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p. 179).

Isso posto, a presente pesquisa consistiu na investigação, a partir da bibliografia atinente aos temas tratados, do modo pelo qual a disciplina de Literatura tem sido ministrada no Ensino Médio brasileiro, bem como das razões pelas quais, de maneira geral, o desinteresse por essa matéria tem grassado no ambiente escolar, com a demonstração da evidente correlação entre os fatores mencionados. Ou seja, a maneira de ensinar Literatura nas escolas colabora para o desinteresse dos alunos em seu estudo, da mesma forma que a indiferença dos estudantes concorre para a exposição de aulas desestimulantes.

Com fundamento na referida revisão bibliográfica pretende-se delinear a proposta de um novo caminho para o ensino de Literatura no Ensino Médio brasileiro, partindo do atual estado em que se encontra a sua prática, consistente na transmissão mecânica de informações e exigências de leituras obrigatórias– e, por conseguinte, estéreis – desta ou daquela obra, com rumo à construção de uma verdadeira cultura literária nos e pelos estudantes, a qual somente pode dar-se a partir de elementos didáticos adequados, compostos em uma ordem lógica e progressiva, sem o que o interesse e o estímulo à aquisição dessa cultura simplesmente não se manifestam.

Para tanto, desenvolve-se um projeto de prática pedagógica baseado em uma obra clássica da literatura brasileira, *O Alienista*, de Machado de Assis, a qual seguramente atende às exigências didáticas supracitadas, que são trabalhadas e desenvolvidas ao longo deste estudo. Assim, possibilita-se a elaboração de um modelo de apresentação de obra literária em aulas do Ensino Médio, podendo servir de novo paradigma para a docência de Literatura.

Projeto de prática pedagógica

Título: Literatura à grega: um estudo paidêutico de *O Alienista*, de Machado de Assis

Ano: 3º do Ensino Médio

Disciplinas: Para além da própria Literatura, este projeto também dialoga com outras disciplinas, tais como a Arte, a História, a Sociologia e a Psicologia.

Material: Em razão da imitação do antigo modo grego de ensinar literatura, o projeto será tão simples quanto eram os eventos literários no período homérico. Portanto, o material utilizado no projeto consiste em: livros de *O Alienista*, um para cada estudante; um espaço amplo para que os alunos formem uma plateia; um microfone e caixa de som, para a pronúncia das narrativas; papéis e canetas para as redações dos alunos.

Introdução

O presente projeto de ensino inspira-se na *Paideia* grega, que foi o sistema de educação que tinha por objetivo a formação humana integral. Este sistema influenciou, de certo modo, boa parte da educação ocidental ao longo da história (JAEGER, 2003, p. 13).

Ele foi escolhido porque abarca em seu bojo, dentre outros elementos, a literatura, que é o objeto deste projeto. Assim, essa tradição grega trabalhava a literatura a partir de uma totalidade que, de fato, é a própria totalidade humana, aproximando os homens uns dos outros e, sobretudo, de si mesmos, ao permitir o contato com as experiências interiores mais profundas.

Objetivo geral

Possibilitar aos alunos o alcance do verdadeiro e último objetivo da literatura, consistente em tomar contato com as experiências profundas comuns a todo o gênero humano,

por meio do estudo literário paidêutico, baseado na conjugação das transmissões oral e escrita dessas experiências ao longo da história.

Desenvolvimento:

O projeto dá-se por meio da realização de etapas sucessivas e progressivas, mediante as quais os alunos são expostos ao método paidêutico grego e desenvolvem, gradualmente, o imaginário, sem o qual não se faz possível a aquisição da cultura literária.

O desiderato é alcançado percorrendo-se um caminho, a partir do princípio fundamental da transmissão oral de informações, que no caso desse projeto, inicialmente, é fornecida pelo professor. O docente assume a posição do antigo cantor/declamador grego e conta toda a história da obra *O Alienista*, não apenas como quem relata um fato cotidiano de menor importância, mas sim com ritmo, melodia, entonação correspondente à nuance que se quis dar à cena, ao diálogo, à cogitação íntima do personagem. A ideia é que os alunos-ouvintes “bebam” a história como o mais sequioso nômade no deserto, sorvendo o conteúdo que os sacie em plenitude e permanência.

Nessa primeira etapa, o objetivo é trabalhar o imaginário dos alunos, o qual servirá de material para os estágios subsequentes. Nesse momento é que o estudante toma contato com experiências humanas genéricas, com as quais se identifica dessa ou daquela maneira, conquistando a consciência de o que é a literatura, qual a sua função primeira e como reproduzi-la, ele mesmo.

A segunda etapa acontece após os alunos estarem plenamente inteirados do teor da história, além de informados acerca do fundamental em seu enredo, com o professor possuindo a segurança de que os alunos gostaram da história ouvida, assim como a gravaram, de certo modo, no imaginário. Desse modo, todos os estudantes serão conduzidos à escrita, ao registro das experiências interiores pelas quais passaram tanto no momento em que ouviam a história, quanto em ocasiões posteriores, ao rememorar-la e refleti-la. Nesse processo, os alunos perceberão que guardaram mais informações do enredo da obra do que poderiam supor, ao procederem às relações entre suas próprias vivências e aquelas experimentadas pelos personagens.

Portanto, partindo dessa premissa, a terceira etapa requer dos estudantes um exercício mnemônico, no qual devem redigir aquilo de que se lembrem da história, buscando a aproximação máxima com a narrativa. Aqui, a porcentagem de aproximação da história real

importa menos que a expansão – paulatina, que seja – da capacidade mnemônica e o aumento do nível de sensibilidade dos alunos a experiências propriamente humanas.

Na próxima etapa, cada aluno é estimulado não a ler, mas a contar, narrar, expor com sentimento a soma daquilo que produziram na modalidade escrita, ou seja, o registro das experiências ensejadas pela audição da obra mais a sua própria versão da obra original. Neste exercício, os estudantes reforçam ainda mais o poder da memória, já que para expor é necessário lembrar aquilo que se sabe e vai dizer; ademais, desenvolvem também a própria capacidade literária, pois uma exposição oral sempre carrega em si uma nova criação, algo próprio do autor da fala.

Finalmente, na última etapa, os alunos são incentivados a fazer a leitura integral da obra, no próprio ambiente escolar ou mesmo em casa, leitura esta que, nesse momento, já não lhes é custosa, mas sim agradável. Devem fazer a leitura integral da obra para compará-la com as suas redações baseadas na audição da história. Dessa confrontação entre a obra completa e a imagem que criaram da obra, naturalmente surgem os ajustes mnemônicos que alinham as duas versões: a de Machado de Assis e a de cada estudante em particular.

Após todas estas práticas, o aluno passou ativamente por todos os processos literários: ele ouviu a história; gravou na mente as impressões e sentimentos que a história lhe provocou; registrou pela escrita esses mesmos sentimentos e impressões; escreveu a sua própria versão aproximada da história real; relacionou os fatos da obra com suas próprias experiências, produzindo um novo conteúdo; e, por fim, expôs esse conteúdo novo de forma oral, trabalhando a sua capacidade de expressão.

Avaliação:

A avaliação é feita ao longo de todo o processo, perpassando as cinco etapas do projeto. Ela se baseia em quatro pontos listados a seguir:

1º) a capacidade de compreensão da exposição oral feita pelo professor (avaliada no momento em que o aluno redige o que lembra sobre a história contada);

2º) a capacidade de expressão oral do próprio aluno (avaliada no momento em que o aluno exprime o seu conjunto de impressões e lembranças sobre a obra);

3º) a capacidade de compreensão da leitura da obra escrita (avaliada no momento em que o aluno faz os ajustes entre o que se lembra da história contada e o que se dá na história real da obra);

4º) a capacidade de expressão escrita (avaliada no momento em que o professor lê a súmula escrita de tudo o que o aluno produziu).

Cronograma:

Tendo em vista que há duas aulas de literatura por semana, as etapas do projeto são organizadas da seguinte forma:

1ª semana:

Aula 1:

Apresentação do personagem Simão Bacamarte, com a exposição de seus dados biográficos mais relevantes e com foco especial nos elementos da sua personalidade. Portanto, explicar que ele era um médico que tivera experiências na Europa, tendo sido considerado lá um importante profissional, mas decidira retornar ao Brasil, mais precisamente à cidade de Itaguaí, no estado do Rio de Janeiro, com a finalidade de estudar e tratar de casos de loucura (esclarecer que daí deriva o próprio nome da obra, haja vista que o alienista era o médico dedicado justamente ao estudo e tratamento dos casos classificados como “de loucura”). A sua personalidade era amena e ele era guiado integralmente pelos processos racionais e científicos (ASSIS, 1994, p. 9).

Aula 2:

Exposição do processo de criação do hospital, por Simão, para o tratamento dos loucos, o qual ficou conhecido como Casa Verde, em razão da cor de suas janelas. Após a inauguração do hospital, vários doentes de Itaguaí, das cidades vizinhas e até mesmo da capital, Rio de Janeiro, passaram a chegar e ficar na Casa Verde, sendo muito bem cuidados pelo médico Bacamarte (ASSIS, 1994, p. 10).

2ª semana:

Aula 1:

Descrição do processo de mudança da conduta e do método de Simão Bacamarte, que concluíra que o número de loucos era cada vez maior, não apenas ali em sua região, mas

também em outros lugares e épocas. Para ele, Sócrates, Maomé, Pascal, Calígula e vários outros importantes personagens da história também tinham sido loucos. Tal processo foi agravado quando o médico internou forçadamente um dos cidadãos mais estimados da cidade, o Costa. Daí em diante, praticamente qualquer conversa que o doutor julgasse estranha era motivo para internação. Chegou-se ao ponto em que grande parte da população da pequena cidade estava internada na Casa Verde (ASSIS, 1994, pp. 17-22).

Aula 2:

Explicação de que, como normalmente acontece quando há um forte movimento em dado sentido, houve em Itaguaí a formação de um movimento em sentido oposto, com a finalidade de enfrentar as internações arbitrárias perpetradas por Bacamarte. Iniciou-se uma rebelião, liderada por um barbeiro da cidade, chamado Porfírio, para a “derrubada” do “tirano” Simão (ASSIS, 1994, p. 23).

3ª semana:

Aula 1:

Revelação de como funciona a política, que em essência é a mesma tanto nos grandes palcos nacionais, quanto nos singelos tablados locais. Desse modo, o líder da revolta acabou chegando ao poder na cidade. A partir daí, ele voltou-se a seus próprios interesses, contrariando os revoltosos que até então o apoiavam. Ele permitiu que Simão prosseguisse com seu trabalho na Casa Verde, em consequência do que 50 seguidores do novo governo foram internados lá (ASSIS, 1994, p. 31).

Aula 2:

Desfecho de que os loucos internados seriam todos liberados pelo próprio médico, o qual mandou um documento para a Câmara dos Vereadores explicando o motivo dessa decisão. Nesse documento, esclarecia que em razão de quatro quintos da população da cidade estar internada na Casa Verde, seria mais conveniente libertar todos e internar os que tinham comportamento normal e estavam de fora, em virtude de seu número reduzido em comparação aos loucos. Com o tempo, todos foram sendo libertados e Simão chegou à conclusão de que, na verdade, não existiam loucos em Itaguaí, afinal, todos se curaram sozinhos, o que o deixou triste, dada a desnecessidade de sua atuação profissional.

Finalmente, Bacamarte deduziu que ele era o único que possuía um cérebro perfeito e era dotado de equilíbrio mental e moral. Desse modo, ele internou ele mesmo, na Casa Verde, para estudar o próprio caso (ASSIS, 1994, pp. 40-42).

4ª semana:

Aula 1:

Realização da segunda etapa do projeto, na qual os alunos registrarão de forma escrita as experiências pessoais que a obra ensinou-lhes. Em seguida, passam para a terceira etapa, em que escreverão aquilo de que se lembram sobre a história, do que foi narrado nas aulas anteriores.

Aula 2:

Exposição oral, pelos alunos, da soma do que produziram em texto, contemplando as suas experiências individuais em contato com a narração da obra e a reconstrução do enredo que fizeram baseados em sua memória.

Ao final, faz-se a recomendação da leitura integral da obra, evidenciando aos estudantes que, agora, terão uma nova compreensão total do texto literário lido e trabalhado.

Considerações finais

A educação no Brasil passa por inegáveis problemas. Dentre esses problemas podemos incluir, evidentemente, o desinteresse pela leitura que assola grande parte dos estudantes brasileiros.

As causas para esse desinteresse são várias, as quais não atuam de maneira puramente unívoca; elas se influenciam reciprocamente, dificultando a análise que se procura fazer acerca daquele problema.

Dessa forma, o presente trabalho teve como foco apenas uma das pretensas causas, certamente das mais relevantes e impactantes, qual seja, o método pelo qual a literatura é apresentada e trabalhada nas escolas.

Isso posto, buscou-se apresentar uma proposta de renovação didática para o ensino de Literatura no Ensino Médio brasileiro, buscando inspiração na metodologia – se assim se

pode exprimir – grega antiga conhecida como *Paideia*, para a configuração de novos elementos didáticos que possam favorecer tanto o interesse dos alunos pela literatura geral, quanto a sua própria evolução como leitores e, por conseguinte, como pessoas.

O modelo paidêutico extraído foi planejado para ser empregado em um projeto de prática pedagógica, a partir da utilização, sob essa “velha nova” metodologia, da obra *O Alienista*, de Machado de Assis.

O projeto abrange quatro semanas, totalizando oito aulas de literatura, conforme descrição do seu cronograma. Ele trabalha as habilidades de compreensão e produção oral e escrita dos estudantes, com o fito de desenvolver-lhes a cultura literária e a competência de leitura como um todo.

Referências

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

ASSIS, Machado de. **O alienista**. São Paulo: FTD, 1994.

CARVALHO, Olavo. **Aristóteles em Nova Perspectiva**: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos. Rio de Janeiro: Top Books, 1996.

_____. **O Imbecil Coletivo**: Atualidades Inculturais Brasileiras. 7. ed. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1999.

_____. **A importância da literatura**. Disponível em: <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2019/07/25/a-importancia-da-literatura/>. Acesso em 14/10/2019.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GERALDI, W. João (org.). **O texto na Sala de Aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**. Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.